

E O TRÁGICO PEDE PASSAGEM EM *MEMÓRIAS DE LÁZARO*

Mirélia Ramos Bastos Marcelino – UESC¹

mireliaramos@yahoo.com.br

Orientadora: Prof.a Dra. Vânia Lúcia Menezes Torga - UESC²

vtorga@uol.com.br

Resumo: O presente artigo apresenta um relato parcial de uma pesquisa que temos desenvolvido na área de Linguística, com o apoio do Programa de Iniciação Científica PROIIC/UESC. O trabalho desta pesquisa faz um estudo das estratégias de leitura e de escrita presentes no livro *Memórias de Lázaro*, de Adonias Filho, tendo como objetivo compreender como a memória e a metáfora, enquanto expedientes linguístico-semânticos são constituintes do jogo alusivo e, portanto, delineiam o leitor-modelo de Adonias Filho. Através da alusão, foi possível fazer uma análise do *corpus*, que se deu a partir de um estudo intertextual, utilizando a metáfora e a memória na constituição do jogo alusivo. Em *Memórias de Lázaro*, partimos do pressuposto de que as metáforas que compõem um certo estilo de escrita e um certo estilo de leitura a partir da teoria da alusão é o binômio: vale e tragicidade/trágico. Utilizando-se da pesquisa teórica que tem como base Bakhtin (1997), Cury (1982), Torga (2001), Eco (1994) e Campos (1986), esperamos corroborar a hipótese de que o vale e a tragicidade/trágico são as marcas que indiciam as estratégias utilizadas pelo autor empírico Adonias Filho em *Memórias de Lázaro*. A metodologia utilizada é basicamente a que sustenta uma pesquisa qualitativa, e tem na fenomenologia dialética as luzes que iluminam (rão) a coleta e análise dos dados. Provisoriamente, entendemos que o leitor pressuposto de Adonias é aquele que faz o jogo alusivo previsto pelo autor empírico em *Memórias de Lázaro*.

Palavras-chave: alusão; memória; estratégias textuais; trágico/tragicidade;

“Em criança amei-o. Odiei-o a seguir. Hoje, não poderia compreender o vale e juro que seria impossível admitir a estrada sem suas rajadas.”

(FILHO, Adonias, 1978, p.5)

Este artigo, que tem como corpus a obra de Adonias Filho “*Memórias de Lázaro*”, nos dá uma possibilidade de vislumbrar o trágico de maneira diferente. Tendo em vista

¹Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PROIIC), da Universidade Estadual de Santa Cruz.

²Professora Adjunta do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz.

que a maioria das publicações que trabalharam essa obra apresentam o trágico como sendo algo funesto, desastroso, procuramos aqui, tentar desmistificar esse trágico do acabado mostrando outras possibilidades de interpretação, pois não nos interessa mais analisar o vale dentro de uma ótica maniqueísta. Tendo isso como o ponto de partida, procuramos compreender o papel da memória e da metáfora, expedientes linguístico-semânticos constituintes do jogo alusivo, ao delinear o leitor pressuposto pelo projeto de leitura e de escrita do autor-modelo de Adonias Filho na obra. Tendo a alusão como uma estratégia de leitura e de escrita que permite ao leitor revelar, desvelar o sentido do texto literário, entende-se que o seu papel não é só o de fazer avançar ou recuar a narrativa, mas sim formar a figura do todo, a partir de pequenos índices, citações, que formam pequenas partes deste todo. Ela age como mediadora entre as partes e o todo, o que caracteriza o movimento de ir e vir, da parte para o todo e vice versa, indiciando as peças que o leitor empírico vestido de leitor-modelo moverá para a construção do sentido no texto literário (Torga, 2001). Ainda de acordo com TORGA (2001, p.10), “a alusão é perturbadora, sutil, criadora do movimento de ir e vir, devir, porque exige do leitor um compromisso com a construção da narrativa, que tem uma história e precisa ser por ele reconstruída mnemonicamente, pela cooperação”.

A memória, por sua vez, motor propulsor da obra, será vista aqui como um elemento fundamental, pois ela é quem vai permitir a relação do corpo presente com o passado e, portanto, interferirá no processo “atual” das representações. Ela aparece como força subjetiva e, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente, oculta e inovadora (BOSI, 1998). Partindo do pressuposto de que as metáforas que compõem um certo estilo de escrita e um certo estilo de leitura, a partir da teoria da alusão, é o binômio: Vale e tragicidade/trágico, esperamos corroborar a hipótese de que o vale e a tragicidade/trágico são algumas das marcas linguístico semânticas que indiciam as estratégias utilizadas pelo autor empírico Adonias Filho em *Memórias de Lázaro*.

O romance é elaborado poeticamente com a memória. É através das lembranças ou reminiscências de Alexandre, o personagem principal, que a história se constrói. Por se tratar de memórias, as idéias não se apresentam de maneira ordenada como numa narrativa onde percebemos o começo, meio e fim: "Fugitivos os episódios surgiam sem ordem - surgiam e evoluíam lentamente, os vagos despojos se transformando em quadros crus, cheios de limpidez, ferindo os sentidos como a própria realidade física" (FILHO, 1978, p.25). Percebe-se que com as lembranças, fica o que significa, o que significou. Pelo puro ato de lembrar, ela se torna a chave para tudo, o que aconteceu antes e depois. Porém, como a memória “é a refacção do vivido que foi esquecido para ser lembrado, a unidade do texto refeita pelo rememorar se sujeita à variedade de que se compõe” (TORGA, 2001 p. 53). E é essa rememoração com imagens das experiências do passado, imagens do vale e de todos os elementos marcantes que o compõem, tais como os seus habitantes, a estrada, o vento, o céu sem estrelas, o lodo, os silêncios, que vai formando a composição do mosaico em construção de *Memórias de Lázaro*, de Adonias Filho.

A obra em análise possui uma estrutura que se assemelha à tragédia grega, uma vez que é forjada a partir de um prólogo revestido de um caráter conclusivo (SIMÕES, 1996). Ela não segue uma estrutura linear com início, meio e fim como nas demais narrativas. É-nos apresentado o final primeiro para que daí venha o início, em seguida o

meio e depois, como que um retorno ao início que, na verdade, se configura como final da narrativa. Isso pode até nos dar uma idéia de confusão ou de desestruturação, mas é a partir dessa desestruturação que um certo todo vai se formando, se transformando. O leitor de Adonias ao ler o romance terá por obrigação desde o início, exercer o seu papel de preenchimento das lacunas deixadas pelo autor-modelo no decorrer do texto. O caráter conclusivo afirmado por Simões (1996) na verdade, não indicia para nós um fechamento propriamente dito, mas um certo fechamento que indicia uma certa abertura.

Esse processo estrutural utilizado pelo autor além de provocar um "ar" de mistério e tragicidade, fortalecendo a memória no texto, contribui, de alguma forma, para que o leitor se prenda à trama e, em consonância com a memória da narrativa, venha a desempenhar seu papel de co-participante no processo gerativo na construção do sentido desse texto (ECO, 1994). Sua narração, ao mesmo tempo em que castiga o leitor devido à aspereza de sua linguagem e das imagens que através dela são desveladas, possui um tom poético no desenrolar de sua história, que suaviza o trágico, agindo como um bálsamo ante tanto sofrimento. Podemos observar essa afirmação logo no início da própria obra, onde a estrada é descrita em seus mínimos detalhes: "Infinita é a estrada com suas curvas, suas colinas e suas árvores. Não é uma estrada como outra qualquer, com pássaros, e ladeada de grama, mas uma linha sinuosa no chão avermelhado e seco. [...]" (FILHO, 1978, p.7). Percebe-se uma intensidade na palavra que qualifica a estrada. O "infinita" indicia-nos uma idéia de eternidade, constância, infinitude assim como o céu, assim como a infinitude do mar, que por mais que nos surpreenda, não nos cansamos de apreciar. Essa estrada não é como uma outra qualquer visitada por pássaros e ladeada de grama, mas é uma estrada única, marcante e com características próprias.

É como o olhar de Alexandre, comprido, questionador, esperançoso, que acredita no além do vale, e que só a estrada misteriosa poderá o conduzir. "Além, perdido na distância que o olhar não alcança, talvez exista, com o fim da estrada, o verdadeiro mundo que se referia Abílio, meu pai. (FILHO, 1978, p. 5). Ela é como a infinitude do trágico que parece admirar o vale. Mas esse "infinita", como podemos perceber, é metafórico, assim como todos os adjetivos que qualificam o vale e seus elementos. É uma infinitude relativa. É uma certa infinitude que não deixa etnoção de algo sem limite. Pois a estrada, por mais infinita que seja em sua representação poética, possui o limite imposto pela própria realidade, pela sua própria utilidade tanto para dentro como para fora do vale.

Nessa obra, o narrador dá voz ao personagem Alexandre, que conta sua história, assemelhando-se ao narrador descrito por Benjamin (1994), uma vez que reúne em si mesmo "o mestre" e os "aprendizes viandantes".

[...] Se a arte de narrar teve nos camponeses e nos homens do mar os seus velhos mestres, é na oficina que vai ter a sua alta escola. Nela se juntam a notícia trazida de longe pelo viandante e conhecimento do passado transmitido pelo sedentário. (BENJAMIN, 1994)

Ao assumir a posição de narrador viandante, Alexandre traz as experiências de quando ele sai do vale; experiências de Natanael, da aldeia de Coaraci, lugares onde ele se hospedou por algum tempo e pessoas com quem conviveu durante sua jornada no além do vale. Quando assume a posição de narrador sedentário, ele narra experiências vivenciadas pelos habitantes do vale através das memórias de Jerônimo, Rosália e Roberto, personagens do romance. Não nos esquecendo de que o lembrar é social, mas também individual porque fica o que significa, podemos dizer que nossas lembranças são sociais, mas que ao serem significadas por nós passam a ser nossa história (BOSI, citada por Torga, 2001).

Enquanto narrador do romance, Alexandre vai tecendo a idéia do vale no imaginário do leitor. E isso é possível porque, como afirma G Pould, citado por Iser (1999), os livros só ganham plena existência “no leitor”. Embora desenvolvendo o pensamento de outrem, o leitor se transforma no decorrer da leitura em conseqüência desses pensamentos. À medida que Alexandre vai narrando a história, o leitor vai captando as associações que, condensadas, resultam na categoria do trágico.

Geralmente, a visão que se tem do vale é de um lugar sombrio, mergulhado em trevas, cheio de sofrimento, um inferno imaginário. Mas o trágico e as trevas podem ser vistos de uma outra perspectiva, pois a tragédia pode significar o início de algo melhor que está por vir, a restituição de uma ordem. Assim também como possibilidade para o tornar-se. Vemos o exemplo disso na passagem da Bíblia, onde fala da visão noturna do profeta Zacarias em que Deus se revela nas trevas (1,7 - 6,8) ou até mesmo quando lembramos da ressurreição do Cristo, que se deu antes do amanhecer. A profundidade do mistério pode ser revelada na escuridão; por isso, Novadelis apud Lurker (1997) fala da noite como “colo fértil da revelação”.

A noite alude ao sofrimento, mas também alude à transformação. E para que haja transformação, muitas vezes se faz necessária a dor. Ao analisar esta citação, que fala da noite como sendo um “colo fértil”, nos lembramos que, para se partir do ventre, para que o nascimento aconteça, a dor se faz presente e o sofrimento também. É a dor que projeta o novo, indícios de esperança, de reconstituição, de renovação. Sob esse olhar, podemos ter o vale como sendo a representação da noite, do colo fértil e os elementos do vale como instrumentos impulsionadores dessa transformação.

Em Adonias Filho, o trágico parece se constituir em uma estratégia que ao aludir a uma passagem indicia as luzes que iluminam o novo, o renascer de Alexandre. O leitor pressuposto de Adonias, ao fazer alusão ao trágico como categoria que indicia a luz e não as trevas, alude não a algo da esfera do acabado, mas sim ao renascimento, ao ressurgir de um novo homem que, com a experiência, é capaz de observar os mesmos elementos de antes como sendo outros. “[...] Fecho a porta, a caverna de Jerônimo atrás de mim, e logo a estrada me acolhe. A velha estrada, porém, já não é a mesma [...]”(FILHO, 1978, p.11). Nesse caso, podemos perceber que fisicamente a estrada não mudou, continua sendo a velha estrada de sempre, tanto que ele a reconhece “[...] Mas, reconhecendo a estrada, sobre ela avançando, não consigo evitar o domínio que o vale exerce sobre todos [...]”(FILHO, op. Cit. , p.11). Desta maneira, compreendemos que a estrada é e já não é porque Alexandre não é mais o mesmo, ele é outro. Como o ser humano geralmente vê e sente o mundo à sua volta de acordo com seu estado d’alma, se ele, Alexandre, vivencia essa mudança interior, a estrada sofre apenas o reflexo desse

novo “olhar”. Todo o sofrimento enfrentado pela personagem Alexandre significa um processo de transformação, de burilamento para o ressurgir de um novo homem. É o inacabamento num certo acabamento.

Nesse ambiente (o vale), alguns elementos aludem a esse trágico do inacabado. Entre eles, a estrada. É a partir dela que a narrativa se constrói. Ela simboliza a porta de entrada não só para o vale, mas para a obra em si. É a estrada que remete ao dentro e ao fora e que leva ao desconhecido, ao devir, à esperança de algo melhor, sendo por isso considerada a chave de tudo. Ela é a grande metáfora da obra, pois comanda todas as outras: o vento, a chuva, o céu sem estrelas. Podemos dizer que a estrada atua como um cérebro, “um mecanismo de comando” que tem a função de fazer com que tudo e todos retornem a ela, à metáfora da mãe, que comanda não só a ida, mas também a volta de todos para o seu leito. Por isso a sua infinitude.

Tão infinita e sinuosa que nos lembra os vieses da vida com toda a sua instabilidade, ela é, no romance, uma personagem “[...] existe quase como uma pessoa humana [...]” (FILHO, 1978, p.4). Representa um “elo”. Une a vida dos habitantes do vale, com todas as suas esperanças e tristezas. Existe uma intimidade dos habitantes para com a estrada “[...] tão íntima quanto os rudes objetos das habitações primitivas, para nós que a conhecemos desde crianças [...]” (IDEM, p3).

Tudo e todos no vale dependem da estrada, ela é tida como a espinha dorsal, o ponto de equilíbrio, o sustentáculo “[...] digo que o vale existe porque existe a estrada. Tudo, homens e choupanas, paixões e ódios, se concentra em torno do seu leito como o corpo em torno da espinha.” (FILHO, 1978, p.4). Assim como o coração é o centro das emoções e o órgão que bombeia o sangue (a vida) para todas as partes do corpo, é a estrada para todas as pessoas do vale. Ela transforma, ela dá vida e, ao mesmo tempo em que provoca angústia, também traz esperança.

No romance, a estrada é comparada com uma serpente, talvez por ser misteriosa, perigosa, imprevisível. De acordo com Urban (2001), a serpente desempenha um papel muito importante em todas as culturas. Ela é associada à fonte original da vida, guarda em si grandes paradoxos, podendo significar a luz ou as trevas, o bem ou o mal, a sabedoria ou a paixão cega, a vida ou a morte. Ao mesmo tempo em que exprime ameaça, já que seu veneno pode sobreviver à morte, resume na sua pele todo o intrincado mistério da vida, que se atualiza em movimento rejuvenescedor, assim como a estrada.

Um outro elemento que também alude ao trágico, Ao inacabado é o vento. Ele se constitui um outro recurso, uma metáfora não menos importante que a estrada, talvez a segunda mais importante do vale [...] não poderia compreender o vale e juro que seria impossível admitir a estrada sem as suas rajadas [...] (FILHO, 1978, p.4).

É ele o culpado por tudo de triste e violento que acontece no vale. “Existindo quase como um demônio vivo” o vento castiga os animais, a pessoas e nem sequer poupa a poeira da estrada. Ele tumultua os sentidos dos habitantes impedindo-os de ouvir sons distintos ao seu “[...] Impede que ouçam, na estrada, o trote dos cavalos, o estalar dos chicotes [...] Um murmúrio que permanece como se fosse a única voz do

vale [...]” (IDEM). Assim como nas tradições avésticas da Pérsia³, o vento age como um controlador de vidas, deixando sua marca em tudo e em todos.

Já o céu, no vale, recupera toda a tensão do trágico em si “[...] Verdadeiro e enorme espelho, não refletiria desse modo a dureza do solo, suas grandes pedras como se fossem escamas” (IDEM). É como se renunciasse o caos original, a distância de Deus e da luz, a proximidade do fim do mundo “[...] o céu de chumbo, como um eterno cenário negro, sugere a ameaça e lembra o perigo. [...]” (FILHO, 1978, p.32). Possuindo sempre um aspecto pesado, ora cinza como o chumbo, ora enegrecido como as trevas, ele se contrasta totalmente com o céu normalmente conhecido “[...] Luzes, nem as das estrelas. Nuvens negras, compactas, encobrem o céu e cortam todos os horizontes [...]” (FILHO, 1978, p.11). Em sendo considerado um símbolo quase universal pelo qual se exprime a fé no criador do universo e responsável pela fecundidade da terra (BIEDERMANN, 1993), o céu parece exercer certa influência nas pessoas. O mesmo não deixa de ocorrer com os habitantes do vale “[...] a ferrugem do céu parecia ter marcado a sua pele e ensombrecido os seus olhos [...]” (FILHO, 1978, p.29). Pelo fato de estar elevado, acima da terra e de todos os seus viventes, dá-se a idéia de ser algo poderoso, por vezes até temível, no sentido religioso da palavra. “O céu é uma manifestação direta da transcendência, do poder, da perenidade, da sacralidade: aquilo que nenhum vivente da terra é capaz de alcançar” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995). Observando por esse prisma, é como se os deuses houvessem abandonado os viventes do vale à própria sorte ou como se estes estivessem sendo testados até o último grau de suas resistências.

Não poderíamos falar do vale sem nos lembrarmos do canal de lodo. Ele é considerado no romance como sendo um dos locais (elementos) mais desagradáveis do Vale do Ouro. É tido como o fundo do poço, o estágio mais degradante em que um ser pode chegar, podendo significar o fim de tudo, até mesmo da vida “[...] O Vale do Ouro tem aqui seu fim. Foi ali, no canal, que o finado Abílio, seu pai encontrou a morte [...]” (FILHO, 1978, p.18). Porém, se pensarmos de outra forma, poderemos ver o lodo como um processo de transformação, pois em sendo a mistura de terra e água, a lama une o princípio receptivo e material (terra) ao princípio dinâmico da mutação e das transformações. E se tomarmos a terra como o ponto principal, a lama simbolizará o nascimento de uma evolução, a terra que se agita, que se fermenta e gera vida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995). Desta forma, o lodo poderá significar não só o fim, aquele que degrada ou corrompe, mas também o recomeço, o reprocesso, a geratriz.

Acreditamos que no vale, aparentemente um mundo estagnado, controlado por elementos supremos como o vento, a chuva, a estrada, o lodo, o céu sem estrelas etc., os dias estão longe de ser uma repetição do ontem, uma vez que ele é habitado por seres que são dinâmicos. Este fator por si só já é o bastante para indicar o movimento, a mudança, o devir, que no livro *Memórias de Lázaro* é trabalhado sob a ótica alusiva do binômio vale e tragicidade/trágico. Percebemos que por trás de todo o trágico aparente, existe a vida, existe esperança, mesmo que remota. E seus personagens o vêem como algo natural, normal assim como o africano acha normal viver sob o sol de mais de

³ De acordo com essas tradições, o vento desempenhava um papel de suporte do mundo e de regulador dos equilíbrios cósmicos e morais.

40°C, os esquimós viverem no gelo. Isso quer dizer que o ser se habitua, se molda ao ambiente em que vive criando resistências próprias tanto no que diz respeito ao físico, quanto ao psicológico e emocional. E o trágico aqui é visto como sendo uma metáfora. nesse sentido, o trágico pode significar não o trágico com o peso esperado, mas o simples trágico, indício do novo, observado de uma outra forma. Assim, entendemos que o leitor pressuposto de Adonias é aquele que faz o jogo alusivo previsto pelo autor empírico em *Memórias de Lázaro*. O trágico pode ser percebido na obra não como um fim em si mesmo, mas como uma passagem que alude ao renascer de um novo homem ficcionalizado.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: Magia e técnica arte e política. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1995.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Feist Hildegard. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ECO, Umberto. **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FILHO, Adonias. **Memórias de Lázaro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Kretschmer, Johannes. São Paulo: editora 34, 1999.
- LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Caminhos da Ficção**. Salvador: EGBA, 1996.
- TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **O movimento de sentido da alusão**: uma estratégia textual da leitura de ler, escrever e fazer conta de cabeça, de Bartolomeu Campos Queirós. Belo Horizonte, 2001. (Mestrado: dissertação. Inédito).
- URBAN, Paulo. **A Simbologia da Serpente**. ISTOÉ - On line. Edição 341 - Fevereiro 2001. Disponível em <http://www.terra.com.br/planetanaweb/341/reconnectando/civilizacoestribos/a_simbologia_da_serpente_01.htm>. Acesso em: 13 de setembro de 2007.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- BERNARDI, Rosse-Marye. Um olhar sobre a intemporalidade da tragédia. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Orgs). *Vinte ensaios sobre MIKHAIL BAKHTIN*. Petrópolis RJ: Vozes, 2006.
- CAMPOS, Edson Nascimento. A relação entre produto e o processo na escrita do texto. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, 1986. v. 2, 3, p. 51-52.

Aula de Português: tal sujeito, quais linguagens?

UESC
ILHÉUS
BAHIA
BRASIL

19 a 21
MAIO
2008

III Seminário
de Língua Portuguesa
e Ensino

I Colóquio
de Lingüística,
Discurso e
Identidade

COSTA, Moabe Breno Ferreira; SOUSA, Mari Guimarães; OLIVEIRA, Adailson Henrique Miranda de. *Narrativas históricas e literárias como elementos identitários da região cacauera sul-baiana*. Disponível em

<http://www.uesc.br/icer/artigos/marinarrativashistoricas.htm>

CURY, Maria Zilda. Intertextualidade: uma prática contraditória. In: COELHO, Haydée Ribeiro e CASANOVA, Vera (org.). **Ensaio de semiótica**: caderno de lingüística e teoria da literatura. Belo Horizonte UFMG/FALE, n.8, p. 117-128, dez. 1982.

FARACO, Carlos Alberto; TEREZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (Orgs.). **Vinte ensaios sobre Michael Bakhtin**. Petrópolis RJ: Vozes 2006.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil , 1951. ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Kretschmer, Johannes. São Paulo: Editora 34, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**; 4ed. São Paulo: UNICAMP, 1996.

LOPES, Edward. **Metáfora**: da retórica à semiótica. 2º ed. São Paulo: Atual, 1987.

PONTES, Eunice (Org). **A metáfora**. 2º ed. Campinas: editora da UNICAMP, 1990.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **Crônicas de Machado de Assis - pra quem sabe lê, um “pinguê”...** Disponível em [http:// www.abralic.org.br/enc2007/anais/16/638.pdf](http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/16/638.pdf).